

## Madeira está sempre em estado de alerta

Há 4 anos e meio que não há casos autóctones de Dengue na Região e há 3 anos e meio que não se registam casos importados do vírus. Mas as autoridades regionais não baixaram os braços. “O estado de alerta é constante”, diz Herberto Jesus, presidente do Instituto de Administração da Saúde e Assuntos Sociais (IASAÚDE), ao DIÁRIO.

A autoridade regional de saúde pública, em articulação com outros organismos, aposta sobretudo em duas áreas: a da informação/prevenção (campanhas de educação ambiental nas escolas e junto da população em geral) e a da vigilância (epidemiológica e entomológica).

Herberto Jesus admite que esta tem de ser a forma de actuação, até porque o vector (mosquito *Aedes aegypti*) está perfeitamente instalado na Região. “A Madeira tem o vector transmissor do Dengue desde 2005”, recorda. “Felizmente, desde 2014 não temos nenhum caso de Dengue, nem autóctone, nem importado, mas o vector permanece e isso faz com que o risco exista”.

Com um sistema de vigilância apertada ao nível da actividade do mosquito (vide destaque abaixo), assim como ao nível dos portos e aeroportos, a principal preocupação do IASAÚDE é a de agora evitar um ‘paciente zero’ (alguém que venha para a Madeira infectado com o vírus) e, sobretudo, um ‘paciente zero’ não identificado e que possa causar a rápida propagação do vírus, tal como aconteceu em 2012. “Temos de estar atentos à possibilidade haver o tal paciente zero, que é o que nós não pretendemos, porque se isso acontecer temos de identificá-lo, isolá-lo imediatamente e tentar

evitar que haja propagação”, explica Herberto Jesus.

### População tem papel importante

A preocupação relativamente ao mosquito *Aedes aegypti* não compete apenas às autoridades regionais de saúde. “Vivemos em comunidade”, sublinha o presidente do IASAÚDE. Por isso, a população tem um papel fundamental a cumprir.

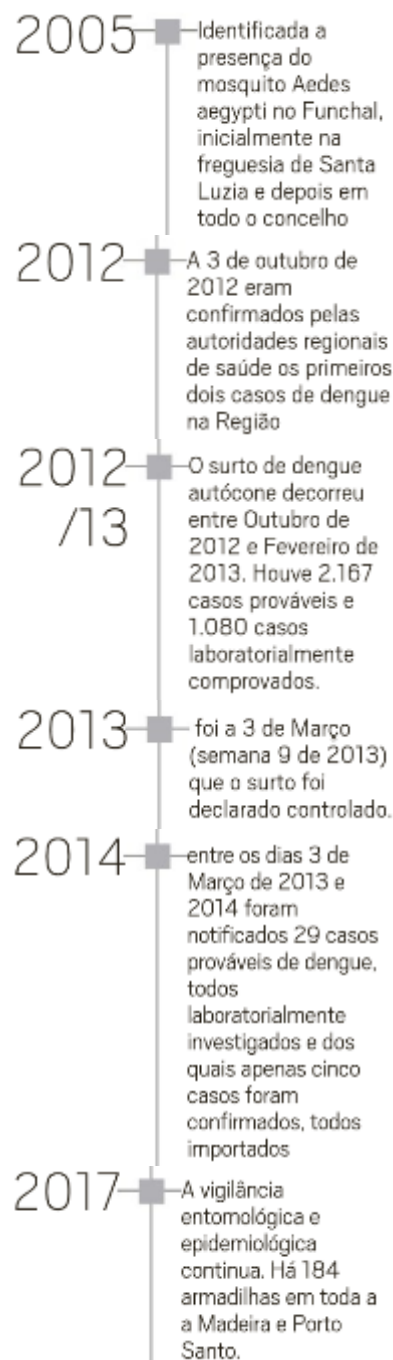
Apela por isso a que as pessoas colaborem na prevenção, adoptando medidas como a eliminação dos chamados criadouros ou os cuidados com casas de devolutas, terrenos abandonados, etc, assim como as medidas de protecção individual (mangas e calças compridas, uso de repelente, entre outras). Para chamar a atenção da população, o IASAÚDE produziu um vídeo informativo que está disponível no portal do Instituto e tem marcado presença nas redes sociais e na RTP-Madeira.

### Colaborar com outras entidades

Além do trabalho que tem vindo a ser realizado ao nível regional, Herberto Jesus salienta ainda a cooperação existente com entidades nacionais como a Direcção Geral de Saúde e o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, ou internacionais, caso do ECDC (Centro Europeu para a Prevenção e Controlo de Doenças). “Ao nível mundial, há uma estratégia de vigilância ao mosquito, em que a Madeira também está integrada”, acrescenta.

Além disso, o IASAÚDE pretende estimular a investigação do vector. “Temos vários projectos em análise para melhorarmos a nossa percepção sobre o mosquito e como o podemos combater”, afirma.

## Linha do Tempo



## Armadilhas com baixa percentagem de possibilidade

■ No âmbito do trabalho de vigilância entomológica que continua a decorrer, sem tréguas, um dos maiores indicadores para análise da situação continua a ser o resultado das armadilhas que estão espalhadas por toda a Região. São 184, explica Herberto Jesus, entre ovitraps (armadilhas para as formas imaturas do mosquito - ovos) e BG traps (armadilhas para as formas adultas).

Os resultados mais recentes são animadores: nas ovitraps há apenas 19% de positividade e nas BG traps cerca de 33%. No Porto Santo continua a não haver vestígios do mosquito, que continuam a surgir sobretudo nos concelhos da costa Sul da Madeira (Funchal, Câmara de

Lobos, Santa Cruz e Calheta). Estes dados revelam que a densidade populacional do *Aedes aegypti* está actualmente a um nível baixo e, como explica Herberto Jesus, semelhante ao de anos anteriores nesta mesma época. No final do Verão de 2012, altura em que se iniciou o surto de vírus Dengue na Madeira, houve mesmo um anor-

mal número de mosquitos. Os dados do IASAÚDE revelam, por exemplo, que, se nas últimas semanas houve, em média, cerca de 40 ovos por armadilha, na última semana de Outubro de 2012, chegou a haver 7 mil ovos, número que até hoje não se repetiu.

Além disso, acrescenta o presidente do IASAÚDE, as amostras reco-

lhidas através das armadilhas e posteriormente enviadas para o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, revelam que os *Aedes aegypti* presentes na Madeira continuam a não ter o flavivírus. Isto significa que o surto de dengue registado entre 2012 e 2013 não foi suficiente para o vírus se tornar endémico na Região.

*Ana Luísa Correia*

In *“Diário de Notícias”*

